

Transcrição da História Oral de Rosaura Street

Museu: É importante saber um pouco da tua origem também. E seu pai o que fazia?

Rosaura: Meu pai foi um grande industrial.

Museu: O Jorge Street? Nossa, que surpresa! Eu não sabia.

Rosaura: Não?

Museu: Foi uma pessoa muito importante pra cidade de São Paulo, pra história de São Paulo.

Rosaura: Ele foi. Teve uma moça que estava fazendo doutoramento, a tese dela foi sobre a obra do meu pai, e ela vinha muito aqui me entrevistar, mas não gravava.

Museu: É, não dói nada, né?

Rosaura: Não, não dói. (risos)

Museu: Eu sei porque eu fiz um trabalho sobre a história da

Universidade de São Paulo, e ele foi citado, porque a Universidade chegou a ocupar alguma casa.

Rosaura: Ele foi do serviço social aqui, não é? Em 1918 ele inaugurou a fábrica.

Museu: Do que era a fábrica?

Rosaura: Ele tinha uns três mil operários em uma que era de juta e tinha uma outra de 1700 operários que era de algodão, que era a Maria Zélia, a fábrica Maria Zélia onde tinha toda a parte assistencial.

Museu: A Sra. sabe me dizer a nacionalidade dos operários dessas fábricas?

Rosaura: Bom, os operários, a maioria era italiano. Ainda outro dia eu estava com umas fotografias na mão... que tinha creche... tinha creche, jardim da infância e escola, e as mães, as operárias tinham hora pra vir amamentar as crianças porque era tudo perto, era uma área grande. Eu tenho a fotografia delas

amamentando as crianças. Tudo louro, claro... tipo estrangeiro mesmo.

Museu: Seu pai era filho de imigrante?

Rosaura: Meu pai... o meu avô era engenheiro. Ele veio para construção de estradas de ferro aqui, contratado pelo imperador.

Museu: De origem inglesa?

Rosaura: De origem inglesa e formação francesa.”

Transcrição da História Oral de Rocio del Pilar Bravo Shuña

Rocio: Então eu acho que isso também é um ganho deste grupo de mulheres, esta participação de tanto Angelita como o meu, de alguma forma essa força e visibilidade que a gente conseguiu, a Frente de Mulheres Imigrantes Refugiadas conseguiu nesses últimos tempos, essa visibilidade: “Olha, vamos a fazer, essas são as mulheres de diferentes

coletivos, não com a bandeira mais de coletivo ONG mas do fato de vamos discutir sobre as mulheres, vamos discutir sobre parto humanizado, vamos discutir sobre, por exemplo, as mulheres que trabalham em oficinas de costura muitas vezes vivem sozinhas, ou somente com sua família. E elas às vezes são abusadas sexualmente dentro das oficinas de costura. Então a precariedade com que as oficinas de costura estão. Agora pouco foi um incêndio. Por quê? Porque às vezes são várias famílias vincinadas [vinculadas] em um lugar. Então as condições de emprego, as condições de estudo. Porque eu demorei mais de um ano e meio, mesmo eu sendo, digamos, eu tendo uma formação eu demorei um ano e meio para conseguir o título de revalidação. Mas tem outras mulheres muito cercanas [próximas] a mim, muito perto, próximas a mim que não conseguiram a revalidação do diploma. Acho que você conhece.

Não conseguiram a revalidação do diploma. Existem muitas travas para conseguir um emprego na tua área. Afinal termina sendo subempregada. Isso também é uma dificuldade muito grande. Então outra coisa é ser mulher, sozinha num país com outro idioma, com filhos. E a dificuldade para você sair do ciclo, e eu acho também que é isso também a nossa luta. Não acho não, é isso as nossas lutas”.